



Grupo de Estudos – Psicanálise extramuros: teoria e método numa aplicação da psicanálise a céu aberto

RESUMO

REZENDE, Camila Ferreira Vieira de; TEIXEIRA, Carla Alessandra; BLANCO, Manuela; XAVIER, Milena Gonçalves Schroder; REIS, Rodrigo Ferreira; DACORSO, Stetina Trani de Menezes (Coord); PEREIRA, Taianara Marchiori dos Santos Pereira; REZENDE, Veronica Calderano. **Grupo de Estudos – Psicanálise extramuros: teoria e método numa aplicação da psicanálise a céu aberto**. Centro Universitário Academia - UniAcademia, Juiz de Fora, 2020.

A psicanálise extramuros é uma forma contemporânea da clínica ampliada que tem como objetivo principal a promoção da escuta onde quer que o sujeito esteja através do processo da transferência. Pretende-se com esse projeto, ainda no início focalizando em estudos das pedras angulares da Teoria Psicanalítica definidas por Freud e posteriormente sua aplicabilidade no contexto a céu aberto.

Palavra-chave: Psicanálise extramuros. Clínica ampliada. Enquadre psicanalítico

INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como base o arcabouço teórico discutido no grupo de estudos “Psicanálise extramuros: teoria e método numa aplicação a céu aberto” que ocorre no Centro Universitário Academia - UNIACADEMIA em Juiz de Fora. Tem como premissa a compreensão das obras clássicas de Sigmund Freud juntamente com as leituras posteriores a ele com a de Jorge Forbes que contribuíram para o cenário que se instala na clínica ampliada, mais especificamente a psicanálise extramuros. Esse projeto inovador tem como premissa ouvir a população do município de Juiz de Fora em espaços públicos, dando voz a angústia humana que teve como resultado conteúdos recalcados.

Dessa maneira, a escuta se apresenta como instrumento no setting e a partir dela que o analista vai identificar o funcionamento daquele que se põe a falar. O método do trabalho permite uma articulação teórica- técnica com o aperfeiçoamento da escuta, assim como de caminhos de intervenção de forma a expandir a aplicação da psicanálise a outros contextos. Para tanto, nesse momento inicial tem como objetivo aperfeiçoar o processo formativo dos alunos de graduação em psicologia para a prática profissional fora dos muros da clínica tradicional.

A construção dessa revisão de bibliografia primeiramente apresenta a perspectiva psicanalítica a partir da neurose dentro de seu desenvolvimento, funcionamento dos processos mentais e mecanismos de defesa. Num segundo momento, expõe sobre a aplicabilidade dos conceitos dessa abordagem teórica para a psicanálise a céu aberto através de sua relação com a cultura e civilização vigente na contemporaneidade, assim como o atravessamento da necropolítica nos sujeitos, como apontado por Mbembe.

Sobre a psicanálise, Freud e o referencial teórico:

A psicanálise é descrita por Freud como um procedimento para investigação de processos mentais inconscientes e um método de tratamento de distúrbios neuróticos (Freud, 1979). Sua história se inicia em 1880 com Estudos sobre a Histeria.

Sua origem se deu pela hipnose e seus efeitos catárticos, técnica abandonada pelo avanço da compreensão clínica das neuroses.

Cito o próprio Freud:

“A psicanálise começou com pesquisas sobre histeria, mas, com o decorrer dos anos, estendeu-se muito além desse campo de trabalho. Os Estudos sobre a Histeria, de autoria de Breuer e minha, publicados em 1895, foram os primórdios da psicanálise. Eles seguiram o rastro do trabalho de Charcot sobre histeria “traumática”, as investigações dos fenômenos da hipnose efetuadas por Liébeault e Bernheim e os estudos de Janet sobre os processos mentais inconscientes. A psicanálise logo encontrou-se em nítida oposição com as opiniões de Janet, por (a) declinar de remontar a histeria diretamente à degeneração hereditária congênita; (b) oferecer, ao invés de mera descrição, uma explicação dinâmica baseada na ação recíproca das forças psíquicas, e (c) atribuir a origem da dissociação psíquica (cuja importância fora reconhecida também por Janet) não a uma (falha de) síntese mental resultante de incapacidade congênita, mas sim a um processo psíquico especial, conhecido como repressão.” (Freud, Sobre a psicanálise, 1979, p. 110)

As pedras angulares da Teoria Psicanalítica são definidas por Freud (1979). Esses pressupostos se baseiam na existência de processos mentais inconscientes, como os seus derivados sonhos, atos falhos, sintomas e arte, acessíveis via associação livre e escuta analítica.

Com o avanço da teoria, a psicanálise se tornou um campo amplo de trabalho e efetuou muitos progressos. Como processo terapêutico, sua província é, acima de tudo, as duas neuroses de transferência - histeria e neurose obsessiva - mas seu criador acreditava que a experiência do material das clínicas poderia mostrar quais as modificações imprescindíveis para tornarem o tratamento psicanalítico acessível a estratos mais amplos da população.

A psicanálise precisa de muito pouco para acontecer, basta o paciente, o analista e a escuta, todo o resto são complementos adaptáveis às circunstâncias e necessidades. Sabendo disso Freud, o criador da psicanálise subverteu o mundo, mudou conceitos e contribuiu de maneira essencial para o entendimento de que “não somos senhores dentro de nossa própria casa”, uma das maiores feridas narcísicas da humanidade.

Primeiro a psicanálise começou no individual, depois dialogou com grupos, avançou instituições adentro, circulou no social e na cultura e, hoje, não há como operar conhecimento e saber científico na área de humanas sem pensar em psicanálise.

A psicanálise extramuros é pensar uma psicanálise para além da privacidade da clínica, para além da limitação das instituições e para a prática da psicanálise nas cidades, nas praças, seja onde for necessário, onde houver demanda de escuta, do sujeito do inconsciente, aí estará o nosso projeto feito na prática.

A pergunta que mais reverberou em nossas discussões: “psicanálise para quê? Clínica para quem?” Em um mundo que reverbera angústia e desamparo, a escuta analítica se faz essencial, dar voz aos desvalidos e às invisibilidades sociais da contemporaneidade, ao contrário do que se pensa, Freud queria isso, Freud fez isso no que lhe era possível à época.

Freud produziu clínicas públicas a partir de 1918, lançou seu projeto em Budapeste nesse mesmo ano e lá lançou o projeto convocando vários psicanalistas não tão conhecidos à época para trabalharem na cidade, esses profissionais, foram chamados a atuarem nas cidades destruídas pela guerra. Esse chamado contou com nomes como Anna Freud, Melanie Klein, Bruno Bettelheim, Reich, Fenichel e vários outros da primeira linha da psicanálise à época.

Guardado às devidas diferenças técnicas e de importância, fomos nós chamados por nossa própria insatisfação social, dar nossa contribuição a uma clínica cada vez mais pública, acessível e de escuta apurada, não somente do individual, mas também as demandas sociais e as patologias das narrativas hegemônicas da contemporaneidade.

Fica a pergunta ainda a responder: “o que podemos no laço social do saber que temos? Seria possível propor outras formas de laços sociais?” Eis o projeto psicanálise extra muros.

A psicanálise constitui um método desenvolvido por Sigmund Freud a partir do resultado da experiência decorrentes de seus casos clínicos. Seu objeto é o humano nas mais diversas formas de ser por meio dos processos inconscientes e constitutivos de funcionamentos. Procurando ampliar as pesquisas até o momento, os recentes estudos neste campo visam à aplicação teórica a contextos fora da clínica extramuros. Dessa maneira a abordagem expande sua observação e intervenção com novas construções teóricas-técnicas sobre o fenômeno nos mais diferentes ambientes. Para tanto, antes se faz necessário um estudo aprofundado dos conteúdos e práticas já relatados nas bibliografias clássicas.

Inicialmente a psicanálise se deteve em estudos sobre a histeria com a contribuição de Breuer e Charcot através da sugestão hipnótica. Mais adiante o

método foi alterado para a associação livre, que consiste na elaboração da realidade psíquica com o auxílio da leitura inconsciente dos processos traumáticos da experiência sexual infantil, na qual a criança foi denominada perversa polimorfa diante das áreas erógenas.

Cito Freud:

"Os primeiros exames e tentativas psicanalíticas de tratamento foram feitos com o auxílio do hipnotismo. Posteriormente, este foi abandonado e o trabalho foi efetuado pelo método da "associação livre" com o paciente em seu estado normal. Esta modificação teve a vantagem de permitir que o processo fosse aplicado a um número muito maior de casos de histeria, assim como a outras neuroses e também a pessoas sadias. Tornou-se necessário, porém, o desenvolvimento de uma técnica especial de interpretação, a fim de tirar conclusões das ideias expressadas pela pessoa em investigação. Estas interpretações estabeleceram com completa certeza o fato de que as dissociações psíquicas são inteiramente sustentadas por "resistências internas". Parece portanto justificada a conclusão de que as dissociações se originaram devido a conflito interno, que conduziu à "repressão" do impulso subjacente. Para superar este conflito e desta maneira curar a neurose, é necessária a mão orientadora de um médico treinado em psicanálise" (Freud, Sobre a psicanálise, 1979, p. 113)

As características fundamentais dessa abordagem para identificar e iniciar a análise são o infantilismo, a sexualidade e a repressão. Compreendendo, nesse sentido, a dinâmica das forças psíquicas entre as tópicas do aparelho psíquico, as reminiscências de experiências, o recalque; aspectos essenciais para o funcionamento e detecção dos mecanismos de defesa que escapam da linguagem, tais como: atos falhos, chistes, sonhos, sintomas e a sublimação pela via artística.

Tendo como premissa o modo de funcionamento neurótico, as defesas demonstram um crescimento assimétrico em vista das forças repressoras e reprimidas que indicam a forma particular de cada sujeito estar na cultura, entre os conflitos das pulsões sexuais, dos desejos e das tendências do ego.

A energia libidinal desprendida em catexia nas fases do desenvolvimento psicosexual formam campos de fixação que norteiam o exercício analítico. Sendo assim, a formação substitutiva adquire lugar na entrada do sujeito na cultura, deslocando da memória traumática infantil para elementos aceitáveis socialmente, não tendo contato com as experiências propriamente dita através das resistências psíquicas advindas do recalque.

A psicanálise, vista como uma jovem ciência à época de Freud, constitui um método que visa uma cura, à época imaginável, com o objetivo de estudo e

compreensão às chamadas neuroses traumáticas através do método psicanalítico imaginado por Freud e que teve importantes contribuições de teóricos como Pierre Janet, Josef Breuer, Charcot, Flies e muitos outros.

Cito Freud:

"O desenvolvimento cultural imposto à humanidade é o fator que torna inevitáveis as restrições e repressões do instinto sexual, sendo exigido sacrifícios maiores ou menores, de acordo com a constituição individual. O desenvolvimento quase nunca é conseguido de modo suave e podem ocorrer distúrbios (quer por causa da constituição individual ou de incidentes sexuais prematuros) que deixem atrás de si uma disposição a futuras neuroses. Tais disposições podem permanecer inofensivas se a vida do adulto progride de modo satisfatório e tranquilo, mas podem tornar-se patogênicas e as condições da vida madura proíbem a satisfação da libido ou exigem gravemente sua supressão". (Freud, Sobre a psicanálise, 1979, p. 117)

Dentre os distúrbios que podem ser tratados pela Psicanálise, temos as convulsões histéricas, as paralisias, as parapraxias, a neurose obsessiva e as fobias. Em contrapartida, a Psicanálise não tem efeito terapêutico sobre as formas mais graves da perturbação mental, mas ainda sim, possibilitou um insight da origem e mecanismo das neuroses e psicoses.

Analisados também pela Psicanálise e considerados fenômenos normais de todas as estruturas psicopatológicas, temos as parapraxias e os sonhos. A primeira refere-se a esquecimentos momentâneos de palavras e nomes, em situações como erros de leituras e lapsos de linguagem, que por muito tempo foram considerados "distrações" e hoje constituem fenômenos psíquicos que envolvem grande significado e surgem com o objetivo de evitar algum desprazer, afinal, nossos enganos com frequência resultam ser um disfarce para nossas intenções secretas.

Já a interpretação dos sonhos, causou o primeiro conflito da psicanálise com a ciência oficial, ao considerar que a Medicina os compreende como fenômenos puramente somáticos, sem sentidos e/ou significados, enquanto a Psicanálise os definiria como atos psíquicos possuidores de sentidos, intenções e significados na vida mental do indivíduo, mesmo seu conteúdo sendo repletos de incoerências ou estranhezas. Nesse sentido, qualquer que seja o conteúdo do sonho, ele possui um significado e sua estranheza é devida a distorções que foram feitas na expressão desse significado e o que lembramos sobre ele, é apenas seu conteúdo manifesto.

No que tange aos interesses científicos da Psicanálise, tem-se o filológico, o filosófico, o biológico, a história cultural da civilização, a ciência da estética, o sociológico e o educacional.

Vale ressaltar o interesse da Psicanálise de um ponto de vista de desenvolvimento já que a mesma procurou sempre delinear os processos de desenvolvimento. Um exemplo disso é quando a psicanálise atribui a origem da vida mental dos adultos à vida das crianças.

Outra descoberta muito mais surpreendente foi que, a despeito de toda a evolução posterior que ocorre no adulto, nenhuma das formações mentais infantis perece. Além disso, a intensidade com que os resíduos da infância ainda se acham presentes no inconsciente nos é mostrada pelo grau de disposição para a doença que pode, por conseguinte, ser encarada como expressão de uma inibição. A parte do material psíquico de uma pessoa que permaneceu infantil e foi reprimida como imprestável constitui o cerne de seu inconsciente.

Cito Freud:

"Estas considerações teóricas, tomadas conjuntamente com as impressões imediatas derivadas do trabalho analítico, conduzem a uma visão das neuroses que se pode descrever, no mais grosseiro dos esboços, como se segue. As neuroses são expressão de conflitos entre o ego e aqueles impulsos sexuais que parecem ao ego incompatíveis com sua integridade ou com seus padrões éticos. Visto esses impulsos não serem egossintônicos, o ego os reprimiu, isto é, afastou deles seu interesse e impediu-os de se tornarem conscientes, bem como de obterem satisfação através de descarga motora. Se, no curso do trabalho analítico, tentamos tornar conscientes esses impulsos reprimidos, damos-nos conta das forças repressivas sob a forma de resistência. A consecução da repressão, porém, fracassa de modo especialmente fácil no caso dos instintos sexuais. Sua libido represada encontra outras saídas do inconsciente, porque regride a fases anteriores de desenvolvimento e a atitudes anteriores para com os objetos, e em pontos fracos do desenvolvimento libidinal onde existem fixações infantis, irrompe na consciência e obtém descarga. O que resulta é um sintoma e conseqüentemente, em sua essência, uma satisfação sexual substitutiva. Não obstante, o sintoma não pode escapar inteiramente às forças repressivas do ego. Tendo assim, de submeter-se a modificações e deslocamentos - exatamente como acontece com os sonhos - através dos quais sua característica de satisfação sexual se torna irreconhecível. Conseqüentemente, os sintomas têm a natureza de conciliações entre os instintos sexuais reprimidos e os instintos repressores do ego, representam uma realização do desejo para ambas as partes do conflito simultaneamente, uma realização porém incompleta para cada uma delas. Isso é inteira e estritamente genuíno dos sintomas da histeria". (Freud, Dois verbetes de enciclopédia, 1979, p. 394)

Sobre a história da civilização, a psicanálise se constitui enquanto um instrumento de pesquisa a fim de comparar a infância dos homens e a primitiva história

das sociedades de formar e permitir que a psicanálise lance luz sobre as origens de nossas grandes instituições culturais, como a religião, a moralidade, a justiça e a filosofia.

Todo o curso da história da civilização nada mais é que um relato dos diversos métodos adotados pela humanidade para 'sujeitar' seus desejos insatisfeitos, que, de acordo com as condições cambiantes (modificadas, ademais, pelos progressos tecnológicos) defrontaram-se com a realidade, às vezes favoravelmente e outras com frustração.

Quando se fala da estética, refere-se a arte como uma forma de apaziguar os desejos não gratificados do próprio artista e também de seu espectador. As forças motivadoras dos artistas são os mesmos conflitos que impulsionam outras pessoas à neurose e incentivaram a sociedade a construir suas instituições. Ao criar uma arte, o objetivo do artista é se libertar através da comunicação com seus espectadores que sofrem com os mesmos desejos.

Seu interesse sociológico está imerso na relação do indivíduo com a sociedade, pois foi descoberto que os sentimentos sociais contêm invariavelmente um elemento erótico que se for enfatizado e depois reprimido, tornar-se-á um dos sinais distintivos de um grupo particular de distúrbios mentais. Por outro lado, a psicanálise demonstrou plenamente o papel desempenhado pelas condições e exigências sociais como causadores de neurose.

A Psicanálise se interessa pela educação no momento em que acredita que somente alguém capaz de sondar a mente das crianças, seria capaz de educa-las. Freud afirma também que quando os educadores se familiarizarem com as descobertas da psicanálise, será mais fácil se reconciliarem com certas fases do desenvolvimento infantil e, entre outras coisas, não correrão o risco de superestimar a importância dos impulsos instintivos socialmente imprestáveis ou perversos que surgem nas crianças. A educação deve escrupulosamente abster-se de soterrar essas preciosas fontes de ação e restringir-se a incentivar os processos pelos quais essas energias são conduzidas ao longo de trilhas seguras.

Desse modo, compreende-se a relevância do interesse científico da psicanálise para a desenvoltura da mesma.

Freud (1979), conceitua a Psicanálise como um procedimento para a investigação de processos mentais que são quase inacessíveis por outras formas, além de um método para o tratamento de distúrbios neuróticos.

É relevante pensar sobre a psicanálise a partir de sua progressão histórica.

Por volta de 1880, o Dr. Breuer tratava uma jovem, que sofria de uma grave histeria, o seu quadro apresentava paralisias motoras, inibições e distúrbios da consciência. O método adotado na época foi o da hipnose (método este, que fora abandonado posteriormente). A partir de uma repetição sistemática conseguiu libertá-la de todas suas inibições e paralisias, entendendo o procedimento como bem sucedido.

Alguns anos mais tarde, por influência de Freud, Dr. Breuer publica então algo sobre o caso, o que faz com que retomem os estudos acerca do tema. Portanto em 1893 publicam um artigo preliminar, “Sobre o Mecanismo Psíquico dos Fenômenos Hísticos” e em 1895, um volume intitulado, “Estudos sobre a Histeria”, no qual nominavam seu procedimento terapêutico como: catártico.

Laplanche e Pontalis (p.211, 2001), chama a nossa atenção para duas formas de histeria que são melhores identificadas: a histeria de conversão, em que os conflitos psíquicos não são possíveis de serem simbolizados pela fala, então tomam forma através de sintomas corporais, como anestésias, paralisias, sensação de bola faríngea. E a histeria de angústia, em que tal angústia é de certa forma fixada em um objeto exterior, como no caso das fobias.

Importante ressaltar que por meio de seus estudos a respeito da histeria, pretendendo encontrar sua especificidade, entende-se formas de organização da personalidade e no modo de existência a predominância de um certo tipo de identificação e de certos tipos de mecanismos, particularmente o recalque, que tem o seu aflorar no conflito edípico se desenrolando majoritariamente nos registros libidinais fálico e oral.

No primeiro período de Freud, antes da publicação de seu “A Interpretação dos sonhos” (1905), ele insistia a suas pacientes *não hipnotizadas* que fizesse associação livre de suas ideias, no intuito que pudessem levar ao que foi esquecido ou desviado. Tal associação livre, consistia em regras técnicas fundamentais.

Solicitava que o paciente comunicasse o que viesse à mente, sendo o mais honesto possível, não retendo nenhuma ideia, mesmo que: se sinta desagradável, julgue a ideia absurda, sem importância para o momento ou irrelevante para o que está sendo buscado. Essas ideias que provocam esses sentimentos dos últimos pontos mencionados são as que por vezes mostram valor específico para a

descoberta do material esquecido, ou seja, quando menor for o controle neurótico sobre o conteúdo produzido melhor é para o processo de análise. (FREUD, 1979).

Para Freud (1979), os sonhos passam a ter papel fundamental na teoria psicanalítica, assim, como os chistes, atos falhos e, lógico também os sintomas para a compreensão da vida psíquica do sujeito.

Sendo a técnica de associação livre possível de ser aplicada nos próprios sonhos e no de seus pacientes, pedindo que traga elementos independentes do que sonhou. Portanto o sonho lembrado surge como um conteúdo onírico manifesto em contraste com os pensamentos oníricos latentes, ou seja, descobertos pelas interpretações, e o desfecho da mesma pode ser entendida como elaboração onírica.

Podemos supor ainda que haja uma “censura onírica”, ou seja, o que consideramos ser o responsável pela deformação do pensamento onírico no sonho manifesto, seja expressão das mesmas forças mentais que durante a vigília, reprimem ou desviam o desejo inconsciente do pleno desejo.

De acordo com Roudinesco e Plon (p. 647, 1998) o recalque banalmente seria o ato de recuar ou rechaçar alguém ou alguma coisa, já para Freud, “o recalque seria um processo que visa manter no inconsciente, todas as ideias e representações ligadas a pulsões, cujas as representações afetaria o equilíbrio do funcionamento psicológico do indivíduo, sendo o mesmo constitutivo do núcleo original do inconsciente”, ou seja, separando o inconsciente do restante do psiquismo. Portanto, o recalque é uma das pedras angulares da teoria psicanalítica, podendo ser manifesta por sintomas, sonhos, esquecimentos e outros atos falhos (ROUDINESCO e PLON, p. 649, 1998)

Pontuando a respeito da dinâmica formadora dos sonhos (a mesma formadora de sintomas), onde encontramos conflitos inconscientes e conscientes, a força inconsciente é reprimida se esforçando para obter satisfação (realização do desejo), enquanto a consciente pertence ao ego, sendo ela desaprovadora e repressiva, o que resulta em uma *formação conciliadora*. Tanto os sonhos como os sintomas, são resultados de tal formação, pois ambas têm expressões incompletas, lembrando que os sonhos não são formações patológicas, mas apontamos que tais mecanismos estão presentes na vida mental tanto anormal como normal, sendo descobertas em neuróticos e psicóticos (FREUD, 1979).

Comumente lidamos com a sensação de ter uma lembrança nítida de seu sonho logo que acordamos e no decorrer do dia a lembrança vai se dissipando, salvo

alguns fragmentos e somente quando tentamos “reproduzir um sonho que introduzimos algum tipo de ordem em seus elementos frouxamente associados – transformando coisas em cadeias justapostas – introduzimos então um processo de conexão lógica que falta ao sonho” (FREUD, 2001).

Forbes em seu “Inconsciente e responsabilidade”, fala das contribuições da psicanálise atual para a sociedade globalizada como um todo, sendo defendido que estamos na era fundamental que está alterando radicalmente os princípios da identidade humana e de sua socialização, sendo apresentado ao longo o estabelecimento do mundo horizontal, demonstrando a invenção do futuro. Assim, é exemplificado os avanços científicos relacionado aos cuidados humanos proporcionados através da medicina, buscando estabelecer uma comparação entre a baixa imunidade e os abalos sofridos pelo eu estruturante.

Deste modo, as possibilidades de investigações perante as fragilidades, manifestadas nos “novos” sintomas está relacionado com a globalização, com o neoliberalismo, com a lógica do poder, com o mercado, com as formas de cambio monetário, com os postos de trabalho, com as políticas públicas e com as subjetividades.

Perante as diversas causas do adoecimento, a busca pela cura apresenta-se por meio da moral, das religiões e por meio da medicalização da felicidade. Os novos hábitos impactam a hierarquia parental, a religião mais do que nunca passa a ser vista como salvadoras das angustias (aumento das publicações de livro de autoajuda) e o pseudocientificismo representado no uso exagerado de medicamentos.

Nesse sentido o texto disserta defendendo que o pandemônio social está mais na cabeça das pessoas do que nos fatos, ou seja, o laço social não se dá apenas pela hierarquia de forças, do saber e do controle. O laço social é construído, não existe um modelo a se seguir ainda mais que os diferentes povos possuem organização e interpretação do mundo de modo próprio que se relacionam com sua cultura própria, com as formas de interpretar e entender o mundo, o que o texto do Forbes diz de modo enfático é que não estamos sabendo legitimar as formas existentes de existência.

Nunca foi tão difícil respeitar a singularidade e a individualidade, a clínica psicanalítica privada, também faz esse movimento segregacionista e corrobora com o discurso capitalista e elitista. A psicanálise extramuros e o presente projeto de pesquisa é uma Em “Provocações Psicanalíticas” é apresentado questionamentos

sobre ainda ser justificável, na contemporaneidade, discutir as raízes da moralidade com princípios na culpabilidade. Desse questionamento surge a necessidade de reorganização na teoria e na clínica psicanalítica, buscando atualizar a abordagem da moralidade alicerçado a um olhar mais atual de responsabilidade, visto a indispensabilidade de uma nova clínica psicanalítica para este século.

É notável, na obra do psicanalista Jacques Lacan, a modificação de paradigma. Lacan acrescenta sua primeira teoria do sujeito; partindo de um sujeito mortificado pelo significante e, em sequência, submetido ao sentimento de culpa pelo desejo incestuoso. Na finalização de seu ensino, nova clínica do ser falante - que, se diferencia do sujeito, ao ser vivificado pelo significante e ser capaz de gozar de modo singular do inconsciente. Sendo assim, enquanto o sujeito mortificado pelo significante padece na culpa devido ao seu desejo incestuoso, o ser falante, vivificado pelo significante, necessita responsabilizar-se pela singularidade de seu gozo.

Além disso, os termos responsabilidade e inconsciente aparentam ser incompatíveis para a psicanálise disseminada pelos meios de comunicação. Não raro é possível deparar-se com as expressões que culpabilizam o inconsciente, ao realizar ações que causam estranheza naquele que a pratica. Esse fenômeno é causado, parcialmente, pela propagação da psicanálise na sociedade. Para Coelho dos Santos (2001), tendo como alicerce o Seminário 7 de Jacques Lacan, A Ética da Psicanálise, o psicanalista, a depender do modo como se comporta, propicia a disseminação da psicanálise de forma errônea, como se nela houvesse um objetivo normatizador. Dentre os perfis de psicanalista criticados estão: o analista psiquiatrizante, que engrandece o amor genital; o analista psicologizante que não distingue o sujeito do inconsciente com o indivíduo e por fim, o analista pedagogizante, busca a mentira e crê no cenário da autenticidade absoluta.

A partir disso, cria-se a necessidade de questionar quais seriam os objetivos do alastramento de diferentes versões da psicanálise e pensar nos efeitos que isso traz para a sociedade, como a especificação da demanda juntamente da expectativa de cura. Ademais, equívocos a respeito da psicanálise não estão restritos aos leigos, visto que, o objetivo de uma análise e seus desfechos permanecem à mercê da perspectiva do analista sobre o inconsciente.

Diante deste cenário do século XXI, o analista que atrela a irresponsabilidade ao inconsciente, permanece distante do tratamento do sintoma e ainda mais, da cura. Além disso, Freud, no caso Dora, ao apontar para ela qual seria sua responsabilidade

na desordem de que ela se queixa, expõe seu receio quanto a negação da responsabilidade e o uso do inconsciente como justificativa. Desse modo, com as mudanças constantes no laço social, é improrrogável aceitar a responsabilidade pelo que é inconsciente e deixar de utilizar as ficções, como o Mito Paterno, como fundamento. A psicanálise atual vem se transformando em tratamento do real como razão da desorientação subjetiva e como exigência de uma nova responsabilidade diante de inúmeras opções da atualidade e, em decorrência, a criação de um futuro.

Outrossim, a transição do homem traumatizado ao homem desbussolado, duas referências lacaniana, pede uma nova postura da clínica psicanalítica. Entretanto, ao diferenciar a psicanálise do século XX da psicanálise do século XXI fazendo uso das duas referências citadas anteriormente, deve-se voltar a atenção para a crença de leitores de Jacques Lacan sobre o ponto de vista estruturalista e a recusa da dimensão histórica pelo psicanalista francês. Assim, é preciso compreender que essa transição se apoia na lógica do corte epistemológico entre o mundo antigo e a modernidade e que é a partir disso, que Lacan analisa a dimensão histórica. Dessa forma, explicando essa perspectiva, o discurso analítico seria uma estrutura, a modernidade, que se modifica em resultância da insistência do real.

Na modernidade, a implantação da ciência simboliza um corte epistemológico com o mundo antigo. No primeiro, o conhecimento era baseado na ideia de que o mundo era finito e bem ordenado, enquanto o universo infinito da ciência não se integra partindo de uma subordinação natural e a geometrização do espaço contribui com a ideia de extensão infinita. Além disso, a ciência possui um objeto “sem qualidade”, diferentemente do objeto da opinião, sendo assim, o real da ciência rejeita evidências sensíveis para fundar a verdade científica como verdade lógica.

O surgimento da psicanálise é outra particularidade da ascensão da ciência, e isso ocorre devido a afirmação da razão se alinhar a descoberta do desejo inconsciente. Neste caso, o sujeito do inconsciente não é empírico, mas sim um “sujeito sem qualidades”. Esse sujeito nasce das revoluções do século XVIII juntamente da redução do trabalho à uma mercadoria, passível de troca e venda. Lacan faz uma analogia entre o sujeito inconsciente e o proletariado de Karl Marx, que renuncia o desfrute imediato de seu corpo e desejo, para resgata-lo sob a forma de um gozo-a-mais, um mais-de-gozar no futuro.

Sendo assim, o “sujeito sem qualidade” pode ser utilizado como símbolo para o homem traumatizado da era industrial. Como ponto importante a ser analisado,

existe a privação do homem moderno à ética da moderação e do uso regulado dos prazeres, aproveitando-se do excesso produzido pelas indústrias e modificando sua relação com o prazer, dedicando-se menos ao ócio e mais ao consumo. Com isso, a subjetividade é orientada por uma lógica individualista e hedonista, levando o homem traumatizado a investir o tempo de sua vida, visando o futuro. Entretanto, esse futuro é o sonho de recuperar aquilo que foi renunciado, o tempo de vida e o usufruto do ócio, buscando o consumo da mercadoria em um tempo futuro. Essa é a característica marcante do homem traumatizado do capitalismo, nascente na era industrial.

Em contrapartida, o homem desbussolado do século XXI surge da mudança que se direciona ao apagamento dos restos das marcas das tradições que estruturavam o laço social: a diferença sexual e a diferença geracional, que serviam como regulador do uso do corpo e dos prazeres na ética, regendo comportamentos no mundo antigo.

A partir disso, o nascimento da psicanálise pode ser entendido em dois registros. O primeiro destaca a dimensão lógica, científica e inovadora da percepção de homem. O reconhecimento do desejo inconsciente reduz o homem antigo, marcado por traços da nobreza ou da vassalagem, ao sujeito do direito moderno científico, livre e igual, ou seja, o “sujeito sem qualidades” outras. Esse sujeito, diferentemente daquele do mundo antigo, é livre para vender sua força de trabalho. Ao protocolizar o sujeito do inconsciente como uma estrutura lógica, Lacan, com base na linguística, diz que o sujeito é aquilo que um significante representa para outro significante. O segundo registro destaca a dimensão tradicional da percepção de homem, sendo este o homem vivo, fadado ao nascimento, sexuação, reprodução e a morte. Freud ao recuperar a diferença sexual e a diferença geracional, os mantém divididos a sua importância para a constituição do sujeito, formalizando-os através da castração e do Complexo de Édipo. E por fim, ele também sinaliza que os homens nascem pequenos, desamparados e ignorantes de sua condição.

Entretanto, Lacan propõe uma equivalência entre o sujeito da psicanálise e o sujeito da ciência, realizando uma conexão entre as fórmulas de Descartes e Freud, sendo elas *Cogito, ergo sum* e *Wo es war soll Ich Werden*, ou seja, penso, logo existo e “lá onde isso estava, lá, como sujeito, devo [eu] advir” (ibid, p. 878) assim, “logo” em Descartes assume a ideia de causa e ao inverter *soll Ich* pelo *devo [eu]* da fórmula de Freud, nasce um sentido de imperatividade que pressiona a assumir a própria causalidade. Além disso, também se faz pertinente a distinção entre o discurso da

ciência e o discurso psicanalítico, sendo preciso interrogar em sua relação com a ciência, na qual ela se sustentaria, segundo Lacan, que, da verdade como causa ela não quer-saber-nada.

Ademais, a afirmação sobre a psicanálise não ser uma paranoia bem sucedida, expõe um paradoxo importante: de um ponto, o surgimento da psicanálise segue-se ao gesto da ciência, uma vez que a origem de uma e de outra não é resultado de uma continuidade histórica, mas sim de uma cisão radical com a tradição. Porém, a ciência ignora que um novo saber surge do gesto singular de seu fundador. Quanto a psicanálise, cabe a ela lembra-se que uma ciência não tem precursores e que seus antecessores não justificam ou explicam o gesto que a inaugurou. Apesar disso, a exploração do inconsciente confronta-nos com a totalidade de duas estruturas correspondentes, sendo elas o Complexo de Édipo e a castração, que dispensam a inclusão em seu discurso da máxima “todo homem nasce livre e igual”.

Embora a psicanálise não comporte esse discurso, ela não nega que essa estrutura tenha uma efetividade no real. A psicanálise, fundada por Freud, nasceu em uma época em que o laço social era ordenado pela figura do pai e a sociedade exigia padrões de comportamentos rígidos, desse modo, o indivíduo que não alcançasse o objetivo almejado seria em razão de algum problema não resolvido durante a vida. O propagado modelo que Freud postulou para a estruturação psíquica, o Complexo de Édipo, fundamenta-se na verticalidade das identidades- é pai orientado, modelo que embasou a psicopatologia analítica. Ao simplificar essa estruturação discorreríamos sobre o neurótico ser o único capaz de negociar com pai a possibilidade de satisfazer os próprios desejos, enquanto o perverso despreza o pai e assume o seu lugar, fazendo uma versão do “pai” e por fim, aquele que não é capaz de estabelecer uma articulação paterna é o psicótico. Atualmente isso não é o suficiente, é preciso levar em conta a singularidade da solução criada pelo sujeito, através de seu sintoma, para dar conta daquilo que se mostra para além do pai.

Desse modo, o Complexo de Édipo pode ser compreendido como uma forma de ligar o homem ao mundo por mais de cem anos, deve ser relido e questionado ao lado da castração. Assim, Lacan formalizou o Complexo de Édipo em estrutura, fazendo sua divisão em três tempos. O primeiro tempo é marcado pelo sujeito que se identifica pelo objeto de desejo do agente materno, sendo suficiente para ele ser o falo da mãe enquanto ela supre suas necessidades. Neste momento, mãe e criança são o todo, cujo o pai deve separar. No segundo tempo, o pai é aquele que priva e

sua lei retorna à criança, como privador da mãe. No terceiro tempo, o pai pode ofertar a mãe o que ela deseja, porque ele o possui por ser um pai real e potente. A saída do Complexo de Édipo tem como desfecho a identificação da criança com o pai, tornando-o ideal do eu e logo após, supereu. Entretanto, o Nome-do-Pai, como agente da castração é exceção, levando ao laço social baseado na submissão. Portanto, o homem abdica do gozo do objeto incestuoso, transformando esse desejo em algo inconsciente, organizado como linguagem, permitindo a que metáfora paterna sirva à comunicação.

Ao elaborar duas lógicas da sexuação, Lacan não considera que a mãe seja o objeto primordial ou que o pai seja visto como interditor para ambos os sexos. Ele considera o Complexo de Édipo como a forma masculina de suprir a relação sexual que não existe. Sendo assim, o homem é “todo”, e pela identificação à exceção, no que se refere a castração, ele supre a não existência da relação sexual. Contudo, no lado feminino não existe a exceção à castração, assim sendo, o que estrutura a subjetividade é a lógica do não-todo, logo, devido a inexistência do modelo ou a exceção à regra, nela não há a necessidade de se conformar a um padrão. Assim, o fundamento do feminino, segundo Lacan, seria o furo da linguagem, especificamente a pulsão.

Ainda, o Complexo de Édipo é visto por Lacan como um sintoma e, por isso, há a necessidade de ir para além da figura do pai e analisar as consequências para uma teoria do ser falante, amparado nas fórmulas da sexuação. Em outras palavras, compreender o inconsciente, indo além do Édipo. Nesta nova sociedade globalizada, a modificação dos laços sociais não comporta mais a orientação libidinal por excelência, fazendo com que o Édipo não funcione como norteador em uma sociedade que acredita no discurso coletivo e que propaga a percepção de homem livre e igual, sem qualidades. Como consequência dessa nova perspectiva, o coletivo assume o lugar do significante mestre, sendo preciso para além do pai. Desta mudança, apresenta-se novos problemas e também novas soluções, por essa razão, para ancorar uma ética que abarque a responsabilidade sexual pelo inconsciente, é utilizado a via da sexuação, analisando a responsabilidade sexual pela escolha, seja do parceiro ou do sintoma do qual o mesmo goza.

Ademais, na contemporaneidade, os efeitos da ideologia individualista estão cada vez mais evidentes e o homem desbussolado deixa de conhecer a fundo o real da estrutura que o determina. Ainda, se no passado Freud pode se apoiar na família

antiga, a psicanálise atual não pode mais contar com este recurso, visto que as formas patriarcais de família estão abrindo espaço para arranjos socioafetivos que mutáveis ao sabor das pulsões. À psicanálise cabe atualizar seu olhar para essas estruturas que não mais se valem do Nome-do-Pai como agente da castração e as manifestações sintomáticas da atualidade são, na grande maioria das vezes, um meio para tratar o real. A elaboração estrutural do sujeito baseada na diferença sexual e na diferença geracional, não permite apreender no presente, diretamente no campo dos costumes, convenções sociais.

Ainda, o laço social atual é composto pela fraternidade e trata-se de algo horizontalmente vertical, entretanto, reconhecer este novo laço não é sinônimo de recusa do valor que esta concepção estrutural tem para a psicanálise. Se faz preciso reconhecer que enfrentamos a versão atual das relações entre a psicanálise e a ciência, que permanecem paradoxais, e que os sintomas contemporâneos não se utilizam da metáfora paterna para cifrar o gozo. O homem desbussolado que busca a psicanálise apresenta-se mais identificado ao seu sintoma, aos novos sintomas que se originam da horizontalidade do laço social da globalização, que não correspondem ao tratamento oferecido pela psicanálise no século anterior. Esses sintomas são efeitos da ausência de um laço social disciplinado pela hierarquia paterna, não há contra quem se rebelar, afetando o gozo. Isso gera sintomas autoeróticos que não foram produzidos pelo requalque ou pela metáfora paterna, culminando na ausência de resposta ao tratamento pela decifração.

A primeira clínica de Lacan ocorre na época do deciframento e do Complexo de Édipo a psicopatologia tripartite citada: neurose, psicose, perversão. Sozinhas, essas categorias não servem para novos sintomas. Deve ser acrescentado algo a essas identidades psicopatológicas, visto que não dão conta de tratar, por exemplo, o fracasso escolar. O esforço despendido nessas três conversações resultou em reaparelhar o saber do psicanalista para uma resposta bem distinta do novo saber psiquiátrico, que classifica os sujeitos desbussolados com a fórmula homogeneizante. É necessário que a psicanálise vá além do inconsciente transferencial, estruturado com uma linguagem, transcendendo as classificações estruturais mais afundo do sintoma, no seu singular, no laço entre o significado e o objeto. Esse laço resulta da suplência singular que um sujeito faz da relação sexual que não existe.

Como já mencionado, a clínica é ética e não uma moral de hábitos. Possuímos novos sintomas que não podem mais ser tratados apenas no campo do

Édipo. A proliferação dos nomes do pai aumentou nossa possibilidade de escolha. Supondo que antes o mal se localizava na impossibilidade da realização, hoje ele se manifesta na angústia da escolha, quanto maior a possibilidade de escolha, maior a angústia.

A função do pai na constituição do desejo inconsciente revelou-se para Freud por meio da descoberta do papel etiológico da sedução sexual na estruturação da neurose histérica. Embora tenha sido levado a reformular de o estatuto de sua descoberta, reconhecendo seu caráter de próton-pseudos, ou seja, de realidade psíquica ou fantasia e não de acontecimento real, em nada modificou seu ponto de vista sobre a função traumática do pai.

Ao retornar a Freud, Lacan elevou a função do pai no complexo Edipiano para a dimensão de uma metáfora de desejo da mãe. Este, é o nome de tudo que seria, por definição, excessivo, indiferenciado do próprio sujeito. Embora não tenha diferenciado o pai de família e a função paterna, Lacan não deixou de atribuir à imago paterna um lugar distinto daquele que ocupam a mãe e o filho.

O real em jogo na fantasia de sedução pelo pai assegura-lhe, de saída, o direito ao excesso ou a transgressão como uso de força que funda toda legalidade possível. Ao formalizar a função do pai como função arbitrária, o passo de Lacan, foi o de descolar a discussão sobre o estatuto do pai. Ele reduziu a função do pai no complexo Edipiano a um mito, deslocando-a para o âmbito da linguagem, onde o sujeito e a civilização humana tomam seu lugar. O pai é o nome da causa que impulsiona o campo da fala e da linguagem.

Freud e Lacan não foram ingênuos quanto a função do pai como ideal, pois sabiam da sua função de véu da castração, ambos viam o pai como agente da castração, ou seja, uma das fontes do trauma são as consequências psíquicas da diferença anatômica entre os sexos. O ideal vela o que no real não tem lei: não existe relação sexual, mas somente os semblantes do que fazer com seu sexo.

Para Lacan, a virtude paterna é sua família. É causar admiração, surpreender, ser exceção. O pai encontra a castração, não é o herói da família, mas é preciso preservar-lhe um lugar. Ele é uma exceção, sem ser um ideal, e transmite ao filho sua própria divisão subjetiva: condição para que haja vergonha e responsabilidade.

No seminário "O avesso da psicanálise" Lacan se refere à produção da vergonha. Diríamos que a psicopatologia, hoje, deva incluir isso, entrar no ponto de vergonha de cada um. A responsabilidade por esse ponto de vergonha é a de fazê-lo

passar no mundo. O ponto de ancoragem está na vergonha. A pessoa deve apresentar alguma coisa que se perdeu, a vida não vale a pena. A psicanálise inclui um novo tipo de responsabilidade.

O ser falante não é nunca a causa de si mesmo. O avanço da civilização em que vivemos exige que nos abduquemos de nossa divisão subjetiva, obscurecendo o caráter traumático excêntrico de toda origem. A relação dos laços social à relação horizontal entre pares culmina na emergência do homem desbussolado, que não tem do que se envergonhar, tampouco do que se orgulhar. Se lhe resta orientar-se por seu sintoma sem sentido, indecifrável e privado de inconsciente.

A psicanálise pode sobreviver a esse homem desbussolado, cujo sintoma não deixa de apreender na ilusão de um endereçamento ao sujeito suposto saber e se apresenta fora da transferência, no lugar real. Quando o sujeito não crê no Nome-do-pai, quando se acredita inserido em redes simétricas e horizontais, será possível ainda instalar a experiência analítica? Pensa-se que sim.

A questão, nos dias de hoje, é muito mais o limite do saber que o seu aprofundamento. O analisando é levado a se responsabilizar pelo encontro e pelo acaso. Essa responsabilidade é inversa à responsabilidade jurídica. Na psicanálise primeiro há que se fazer responsável, para, em seguida, se for em liberdade.

A psicanálise de hoje ultrapassa o interesse da clínica exclusiva do consultório. Ela também se preocupa com as variadas manifestações do laço social: na política, na família, nas empresas, na escola e na sociedade em sociedade em geral.

A psicanálise do século XXI e o psicanalista de hoje devem poder tratar de fenômenos como a euforia do luxo, as agressões inusitadas, a hipertransparência, os diários pessoais, a doença da saúde perfeita, a ideologia que assegura para tudo um remédio. É por essas estações que passam o bonde do sofrimento contemporâneo. A segunda clínica de Lacan envolve uma ética baseada no princípio da responsabilidade, exige consequência no laço social e não espera sentido. É uma clínica pronta para o século XXI, que vem legitimar um novo laço social, uma clínica que tem o real em seu âmago. Acreditamos que se pode ir além do pai a condição de revalorizar a dimensão da sexualização, o que implica em tocar no ponto de vergonha.

Ao abordar a pulsão pela via da sexualização, Lacan diz que a mulher é para o homem um sintoma. E que o homem é para a mulher, pior que um sintoma, é uma

devastação. Considerando a identificação ao sintoma no final de análise, Lacan fala de uma ética da razão, pai-orientada pelo ideal. Ainda complementa que o psicanalista é um *sinthoma*, não a psicanálise.

O psicanalista como *sinthoma* é necessário para duas ações fundamentais: a invenção de uma solução singular ao futuro no real, exigida de cada um, e a responsabilidade de sua transmissão no mundo, exigência complementar e solidária que se faz também a cada um.

6.5. A Sociedade

Finalmente, falamos da possível contribuição da psicanálise atual para a sociedade globalizada como um todo. Tema que foi desenvolvido no livro, "A invenção do futuro" (FORBES, REALE Jr. & FERRAZ Jr, 2005).

Embora ainda há quem questione, estamos em uma passagem de era fundamental, que está alterando radicalmente os princípios da identidade humana e de sua socialização. Se o mundo industrial era verticalmente orientado, como enfatizado, o mundo atual horizontal é estabelecido. Abandonamos o tempo em que o futuro era previsível, pois a sociedade era padronizada. Estamos em um mundo que não é previsível e por isso, precisa ser inventado.

Parece-nos que a falta de aceitação da novidade pela maioria das pessoas, cada uma por seus motivos, faz com que no início do século XXI estejamos lidando com novos sintomas sem reconhecê-los como originários da globalização e, em decorrência, estamos empregando velhos remédios, de três ordens distintas: notamos uma tendência de retorno a moralidade representada nos elogios aos velhos hábitos familiares, do pão na cabeceira da mesa na hora do almoço e do jantar, etc. Acompanhamos o surgimento, a cada esquina, de neoreligiões que se propõem a dar respostas salvadoras as angústias do momento, da mesma forma que os vários livros de autoajuda inunda as livrarias de aeroportos e estações de trem. A terceira tendência é a medicalização da felicidade, é o sonho cientificista de que para tudo há remédio.

Provavelmente, o temor de que a quebra dos padrões pudesse levar a um pandemônio social está mais na cabeça das pessoas do que no fato. A globalização trouxe consequências em termos de desregulação da ordem social. Antes, era notável a presença da organização vertical das identificações, a busca das ideias próprias da era industrial. Mas o mundo mudou, o lugar do pai foi relativizado, os países uniram-se em comunidades setoriais, a supremacia de certas profissões, como médico,

advogado, engenheiro, já não sustenta as soluções que serviam há algumas décadas. Houve uma quebra das ideias, uma mudança de paradigma, conforme passamos da era industrial para a era da informação. Sem ideais predefinidos, existe a necessidade de se inventar.

A globalização e a queda das ideias e da ordem paterna levam ao curto-circuito da palavra, o que não é necessariamente bom ou ruim.

É preciso um novo analista para essa nova era, do Outro que não existe. Ele poderá se posicionar em um espaço que Lacan, tomado do Tao, chamou de vazio mediano, entre fazer e desejar, entre o corpo e a palavra. É através desse analista que o analisante poderá modificar sua relação com o gozo desbussolado.

A liberdade é tema relevante sempre que se fala em responsabilidade. Tradicionalmente, é a suposição de liberdade que justifica a responsabilidade. Na psicanálise, no entanto, a responsabilidade é pelo ressoar, que, em princípio, não é livre: fica vinculado aos padrões identitários da pessoa. Somente se a pessoa se responsabilizar por ele, criando ou caindo de lugar de ressoar, não se acomodando nos lugares-padrão que lhe são oferecidos é que lhe funda uma forma de liberdade. E fundar a liberdade no ressoar é fundá-la na consonância, no encontro: a liberdade de um que começa junto com a do outro.

tentativa de dar novos rumos para a psicanálise aplicada, uma escuta pública, plural e múltipla.

Forbes disserta sobre o crescimento por atividades esportivas radicais, apontando para um gozo caótico, capaz de gerar o crescimento do ego, apontando para um prazer em não se ter lei, intitulado por ele de gozo desbussolado, capaz de escapar do círculo da palavra dialogada. É citada a música eletrônica, que não possui letra que captura o gozo através do corpo, o termo utilizado faz menção ao ser sem rumo, perdido que não quer se comprometer, já que a palavra ato marca e nomeia.

Sobre a contemporaneidade, a violência e a clínica extramuros:

Aceitar que a violência possa ser naturalizada é uma tentativa de diluir o terror que ela provoca, de se submeter aos seus efeitos, e de não se implicar com as possibilidades, mesmos pequenos, de sua transformação.

Na contemporaneidade, basta olharmos para os principais jornais, portais de notícias e canais do Youtube e Redes Sociais, um tema recorrente é a violência no

dia a dia. As notícias, infelizmente nunca são para discutirmos de maneira responsável o tema, na verdade, se resume a mostrar, o mais sensacionalista possível episódios de violência no Brasil e no mundo.

Cito a autora Maria Laurinda Ribeiro de Souza:

"essa forma utilizada pelos meios de comunicação para apresentar as notícias, é também uma manifestação dessa barbárie – uma série de informações de imagens, tudo muito acelerado, repetido e contíguo, em que o pensamento, a capacidade de apreensão e de reflexão sobre os acontecimentos ficam impossibilitados. No mundo do consumo há que consumir, mesmo que o produto oferecido seja a violência. Instalação contínua de um apelo ao esvaziamento do lugar de sujeito que possa se implicar com a realidade em que vive." (SOUZA, M. L. R, A banalização da violência, p. 68)

Estamos absortos e inertes frente a violência e a morte. Na pandemia pouco se viu de sofrimento e pesar coletivo a respeito de mais de 170 mil mortes pela Covid-19. A fome, a miséria, estupros de vulneráveis pouco diz, respeito a nós. Enquanto, esses flagelos não me acometem ou não acometem pessoas próximas, não é de fato um problema que me diga respeito.

Cito a referida autora:

"Observa-se frequentemente que a eficiência do terror depende quase que completamente do grau de atomização do social. Toda forma de oposição organizada deve desaparecer antes que a força total do terror possa enfraquecer. Esta atomização, uma palavra excessivamente pálida e acadêmica para o horror que encerra, é sustentada e intensificada através da ubiquidade do informante, o qual pode literalmente estar onipresente pois não se trata mais de apenas um agente profissional a soldo da polícia, mas potencialmente de qualquer pessoa com quem se entre em contato." (SOUZA, M. L. R, A banalização da violência, p. 69)

Outro ponto essencial para se pensar a violência, não é só olhar para momentos de violência extrema, morte, assassinatos, sequestro, estupros e outros exemplos vários que temos por aí. Pensar a violência é também olhar para nosso narcisismo das pequenas diferenças e essas disputas mezinhas que temos em nosso dia a dia.

Esses fatos, por serem pequenos e frente a violência do que chega nas manchetes, parecem insignificantes e dão a sensação de inerência à vida, como se fizesse parte da contemporaneidade ter que conviver com isso.

Mas, precisamos pensar nesse caldo cultura de violência e nas pequenas diferenças, nossos preconceitos sociais diários, nossas discriminações diárias,

nossas exclusões sociais, nossas empregadas disfarçadas de membro da família, quando no fundo são repaginações modernas da escravidão, as pequenas violências domésticas que escancaram relacionamentos abusivos, abusos sexuais de parentes e pessoas próximas.

Como diz Maria Laurinda:

“Observa-se frequentemente que a eficiência do terror depende quase que completamente do grau de atomização do social. Toda forma de oposição organizada deve desaparecer antes que a força total do terror possa enfraquecer. Esta atomização, uma palavra excessivamente pálida e acadêmica para o horror que encerra, é sustentada e intensificada através da ubiquidade do informante, o qual pode literalmente estar onipresente pois não se trata mais de apenas um agente profissional a soldo da polícia, mas potencialmente de qualquer pessoa com quem se entre em contato.” (SOUZA, M. L. R, A banalização da violência, p. 69)

Sobretudo, para nós psicólogos e psicanalistas, Maria Laurinda faz uma provocação, “uma das formas de olhar a questão da violência é identificar como se manifesta nos pequenos gestos ou fatos do cotidiano mais próximo”. Pensar quais as narrativas hegemônicas que a violência sustenta? Quais as agências e os agenciadores que fortalecem o discurso da indiferença frente a violência como parte da vida e do desamparo do viver? Como natural à vida.

Comparar grandes atos de violência com as violências mezinhas do dia a dia não é erro de argumento da escritora, é possibilitar nos colocar no lugar de atônitos indiferentes frente à violência da contemporaneidade. “A violência faz parte, que assim seja, amém”. Cada vez mais estamos tomando a violência como fato natural do homem moderno, estamos inertes, banalizamos a morte, atos de perversão, achamos comum uma pessoa morrer de fome e frio nas ruas de São Paulo.

Cito novamente Maria Laurinda:

“Aceitar que a violência possa ser banalizada e naturalizada é uma tentativa de diluir o seu impacto, seu terror, de se evadir de seus efeitos, de não se implicar com a existência de suas manifestações e com as possibilidades, por pequenas que sejam, de sua transformação. Essa banalização da violência e, talvez, um dos aliados mais fortes de sua perpetuação. Resignado à ideia, inculcada pela repetição do jargão de que somos instintivamente violentos, o homem curva-se ao destino e acaba por admitir a existência da violência como admite a existência da violência, como admite a certeza da morte. A virulência desse hábito mental é tão potente que, quem quer se insurja contra este preconceito, arrisca-se a ser estigmatizado de idealista, otimista ingênuo ou bobo alegre.” (SOUZA, M. L. R, A banalização da violência, p. 70)

A autora vai discorrer brilhantemente o quanto é mais fácil patologizar o indivíduo, sobretudo, na narrativa individualista neoliberal, do que pensar em saídas e soluções sociais para o ambiente causador da violência. “Indiferença e exclusão alimentam-se mutuamente, mantendo a impossibilidade de laços sociais e dificuldades de construção de um outro discurso” (p. 69).

Cito a autora para pensarmos um pouco sobre violência e metapsicologia:

“Outro aspecto importante que vale a pena ressaltar é o de que a verdadeira oposição ao amor não é o ódio mas a indiferença. Isto pode nos ajudar a pensar no sentido e nos efeitos da exclusão indiferente que atinge grande parte de nossa sociedade e, também nos custos da nossa própria indiferença e exclusão alimentam-se mutuamente, mantendo a impossibilidade de laços sociais e a dificuldade de construção de um outro discurso.” (SOUZA, M. L. R, A banalização da violência, p. 71)

Para Freud, citando a autora sobre o que ele fala a respeito da guerra:

“... ou seja, nessas condições vale a pena reafirmar o valor das pulsões de auto conservação e da importância de reconhecimento que a cultura pode ou não oferecer para uma grande parte de seus cidadãos (podemos chama-los assim?), porém, ele (Freud) não supunha que as guerras pudessem ocorrer em nações desenvolvidas. Destas se esperava que pudesse resolver suas diferenças e seus conflitos de interesse de uma outra forma. Ou seja, quando as condições de existência fossem mais favoráveis, não se esperava que a ideia de estrangeiro – estranho, fosse equiparada imediatamente à ideia de inimigo e o ódio se transformasse em ações de violência.” (SOUZA, M. L. R, A banalização da violência, p. 71)

Nesse momento, a autora, sem citá-lo diretamente, traz a questão do brilhante texto de Freud “O Infamiliar” em tradução pela Editora Autêntica. O termo de difícil tradução traz a ideia daquele conteúdo recalcado mas não silenciado e que nos causa algum tipo de desconforto em fatos a priori desconectados, contudo, numa investigação em processo de análise, perceberá ter um algo muito próximo do estupor da causa.

Ela ainda prossegue:

“O de fora, é o outro, o diferente, o estranho, o virtualmente inimigo, o depositário de nosso ódio – da estranheza ao temor, da curiosidade, ao medo, do amor ao ódio, o rosto do estrangeiro nos força a manifestar a maneira secreta que temos de encarar o mundo, de nos desfigurarmos todos, até nas comunidades mais familiares fechadas.” (SOUZA, M. L. R, A banalização da violência, p. 71)

A psicanálise e o processo de análise possibilitará reconhecer esse estranho em nós mesmos, como efeito e consequência de nossa própria constituição, sujeitos divididos numa parte a que nunca temos acesso e originalmente marcados pelos enigmas de um outro sem o qual não sobreviveríamos. Se isto for possível, talvez não haja necessidade do ataque pela identificação com o outro, se estabeleceriam relações mais solidárias e menos paranoicas.

No final do texto a autora a meu ver é brilhante em suas análises.

“Num mundo que nos demanda sermos assertivos, produtivos, vitoriosos, que não favorece dispositivos para a elaboração da dor e do sofrimento, o risco da morte e da solidão se faz sempre presente.” (SOUZA, M. L. R, A banalização da violência, p. 72)

É da sensação do desamparo o viver, desde o nascimento sentimos esse afeto de difícil compreensão e tradução. Dependemos desde o início do outro para sobreviver e nos alimentar, sua falta, sua presença e o lugar que ocupamos na instância psíquica do outro é o que nos constrói como sujeito.

O sujeito só abdica desses lugares por que a cultura lhe oferece algo em troca, um lugar no mundo dos homens. Uma possibilidade de criar projetos de vida, o direito de pertencer a um grupo, de ter condições dignas de sobrevivência, de ter realização no trabalho ou de poder fazer do trabalho um meio para ganhar dinheiro e realizar outros sonhos.

A violência surge nesse momento, quando esse acordo implícito falha e nós não nos sentimos mais protegidos pela comunidade, corre-se o risco de uma verdadeira Lei de Talião, o preço que pagamos pela vida em sociedade é caro demais se o retorno for pequeno e limitado.

Sonhamos e acreditamos que na vida em sociedade vivemos uma terra de ilusão de que haveria um lugar passível de certezas e garantias. Num mundo que nos demanda sermos assertivos, produtivos, felizes vitoriosos, que não favorece dispositivos para elaboração psíquica da dor e do sofrimento em que o individualismo cada vez se torna mais visível, o risco fantasmagórico da morte e da solidão, faz-se sempre presente.

Completo o raciocínio citando Maria Laurinda:

“É de supor que as classes abandonadas invejarão os privilégios das classes favorecidas e farão todo o possível para libertar-se do aumento especial de privação que pesa sobre elas. Caso não o consigam surgirá na civilização correspondente um descontentamento duradouro que poderá conduzir a rebeliões perigosas. Mas quando uma civilização não consegue evitar que a satisfação de um certo número de seus participantes tenha como premissa a opressão de outros, talvez da maioria, e assim sucede em todas as civilizações atuais, é compreensível que os oprimidos desenvolvam uma intensa hostilidade contra a civilização que eles mesmos sustentam com o seu trabalho, mas de cujos bens participam muito pouco.” (SOUZA, M. L. R, A banalização da violência, p. 73)

A psicanalista Maria Laurinda Ribeiro de Souza termina seu texto de maneira brilhante:

“Assim, se neste momento histórico, enfatizamos demais o lugar do outro como estranho-inimigo, não o fazemos só em função de um trágica realidade social, mas, também em função de um discurso que marca nossa subjetividade e que privilegia o lugar individual narcísico em detrimento da alteridade. Se o próprio Freud, em vários momentos de sua obra revelou essa possibilidade, também destacou o lugar do outro como auxiliar, como constituinte, como modelo. Ao risco da reclusão autista, dos atos extremamente violentos, da paranoia, dos laços perversos com o outro seria possível opor outras formas de laços sociais?” (SOUZA, M. L. R, A banalização da violência, p. 73)

Para o presente projeto de pesquisa, tornou-se necessário olharmos para o filósofo camaronês Achille Mbembe, mais especificamente para seu brilhante texto: **Necropolítica: Biopoder, soberania, estado de exceção e política de morte**. Não seria possível pensar a clínica extramuros sem trazer um dos teóricos mais pertinentes da atualidade.

Achille Mbembe tinha uma grande preocupação com aquelas formas de soberania cujo projeto central não é a luta pela autonomia, e sim a instrumentalização da existência humana e a destruição material de corpos humanos e populações. O filósofo pensou de forma dedicada nas experiências contemporâneas de destruição humana que sugerem que é possível desenvolver uma leitura da política, da soberania, e do sujeito, diferente daquela que herdamos do discurso filosófico moderno.

Em resumo, como Hegel, Achille Mbembe vai entender que a filosofia, e na visão do projeto, não é possível fazer uma práxis clínica sem um viés político, não partidário, mas sim da relação humana na pólis, ou seja, do que a clínica pública traz sobre o social a que a psicanálise não poderá se apresentar alienada, de modo a não perder sua pertinência.

A clínica extramuros, precisará trabalhar com o axioma que pressupõe a certeza da morte, mas isto não o paralisa, ao contrário, permite ao sujeito seguir adiante e vive com isso. Na psicanálise aplicada, possibilitamos reconhecer um mundo faltoso, que dialoga recorrentemente com a morte e com a finitude, contudo, que está paralisado em falsas certezas.

A escuta na rua, na praça, a quem aparecer e demandar, é uma escuta de um social em desintegração, de um social que clama por ser ouvido, reconhecido e, por que não, experienciado. Poderia a psicanálise ousar ser imparcial frente ao que ocorre na sociedade? Freud teria feito isso à sua época? Sabemos que não, também não poderemos.

Cito o filósofo camaronês:

“Alguém poderia resumir nos termos acima o que Michel Foucault entende por biopoder aquele domínio da vida sobre o qual o poder tomou o controle. Mas sob quais condições práticas se exerce o direito de matar, deixar viver ou expor à morte? Quem é o sujeito dessa lei? O que a implementação de tal direito de matar nos diz sobre a pessoa que é, portanto, condenada à morte e sobre a relação antagônica que coloca essa pessoa contra seu ou sua assassino/a? Essa noção de biopoder é suficiente para contabilizar as formas contemporâneas em que o político, por meio da guerra, da resistência ou da luta contra terror, faz do assassinato do inimigo, seu objetivo primeiro e absoluto? A guerra, é afinal, tanto um meio de alcançar a soberania como uma forma de exercer o direito de matar. Se consideramos a política uma forma de guerra, devemos perguntar: que lugar é dado à vida, à morte e ao corpo humano (em especial ao corpo ferido ou morto)? Como eles estão inscritos na ordem do poder?” (MBEMBE, Achille, *Necropolítica: Biopoder, soberania, estado de exceção e política de morte*, p. 124)

Na perspectiva de Achille Mbembe, a expressão máxima da soberania é a produção de normas gerais por um corpo composto por homens e mulheres livres e iguais. A psicanálise extramuros é uma possibilidade de um projeto de autonomia e soberania pessoal, e não menos importante, de uma coletividade mediante uma comunicação e reconhecimento, é o que nos diferencia da guerra social que vivemos, dar voz aos invisíveis.

O presente projeto de pesquisa corrobora em Achille Mbembe, como ele mesmo diz “num romance da soberania que baseia-se na crença de que o sujeito é o principal autor controlador de seu próprio significado”. (Mbembe, Achille. P. 124)

Segundo Bataille e analisado teoricamente pelo próprio Achille Mbembe, na contemporaneidade a morte só existe para ser negada, o limite psíquico da morte foi abandonado, sua presença define um mundo de violência, essa morte negada é a-simbólica demais para ser elaborada.

A clínica pública se depara com um mundo cada vez mais absorto frente a uma morte dessubjetivada, uma morte negada em sua essência psíquica, como se ela só dissesse respeito ao outro, nunca a si próprio. A clínica pública, sobretudo, a de orientação psicanalítica, se depara com essa realidade e se fundamenta numa escuta que busca subjetivar um conceito profundo e tão presente na vida humana.

Outra urgência da clínica pública é se deparar com o biopoder foucaultiano que funciona nas suas esferas de poder, mais especificamente, o estado de exceção e o estado de sítio. Importante ressaltar, que poder aqui não é necessariamente o estado em si, mas também todos os dispositivos de organização disciplinar da sociedade. A clínica pública nos mostra que há sim, uma cesura biológica entre sujeitos do social, ou seja, a determinação de grupos e subgrupos, que merecem viver, sobreviver e morrer. A escuta da clínica pública psicanalítica é uma possibilidade de reverberar o conceito de biopoder em Foucault e possibilitar novas organizações do laço social, dando voz a quem geralmente tem esse direito censurado pelos dispositivos do poder.

Cito:

“Com efeito, em termos foucaultianos, racismo é acima de tudo uma tecnologia destinada a permitir o exercício do biopoder, "aquele velho direito soberano de morte". Na economia do biopoder, a função do racismo é regular a distribuição de morte e tornar possível as funções assassinas do Estado. Segundo Foucault, essa é "a condição para a aceitabilidade do fazer morrer". (MBEMBE, Achille, Necropolítica: Biopoder, soberania, estado de exceção e política de morte, p. 128)

Esse processo, de construção do processo de morte como uma grande produção de extermínio em massa como a partir da Segunda Guerra Mundial, através dos fornos e grandes câmaras de gás e atualizado, por exemplo, na polícia que mata e pergunta depois, foram construções de décadas de uma industrialização da morte, do matar e de quem deve ter o direito à vida.

Segundo Achille Mbembe, esse processo foi facilitado pelos estereótipos racistas e pelo florescimento de um racismo baseado em classe que, ao traduzir os conflitos sociais do mundo industrial em termos raciais, acabou comparando as classes trabalhadoras e os desamparados pelo estado do mundo industrial com os selvagens do mundo colonial.

O filósofo aprofunda sua análise voltando no tempo e pensando sobre a instituição da escravidão como o primeiro laboratório de biopoder que o mundo conheceu. Achille relatará a ideia de que ser escravo é ser obrigado a ter uma tripla

perda: a perda de um lar, a perda de direitos sobre seu corpo e a perda de status político.

Essa tripla perda é uma dominação absoluta do sujeito, uma alienação ao nascer, como uma morte social. Fundamental, pensarmos no presente projeto, se a colonização de sujeitos de fato está extinta? O sujeito que a clínica pública encontrará é um sujeito com domínio de seu corpo e de suas escolhas biológicas? É um sujeito com responsabilização soberana a respeito do corpo político? É um sujeito com um lugar para chamar de seu lar?

Sabemos que não, por isso mesmo sua pertinência, essa clínica é uma clínica da possibilidade de uma descolonização do desejo, de uma escuta singularizada. Pensar e agir na clínica pública é possibilitar e lutar contra um estado de injúria que define quem pode viver ou deve morrer, é marcar posição contra um mundo de horrores, crueldade e profanidades intensos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos pressupostos teóricos supracitados, a psicanálise extramuros tem um papel fundamental na escuta daqueles que estão nas ruas de passagem. Esse processo é indispensável tendo em vista a elaboração dos conteúdos psíquicos que indagam o humano. Tornar palavra o que é angústia é o primeiro passo e será por meio da disposição dos membros do grupo na escutar a dor do sujeito, fazê-lo ouvir e devolvê-lo às perguntas que o projeto ganha relevância na atual conjuntura.

Para tanto, a inter-relação do arcabouço teórico psicanalítico clássico e os textos contemporâneos que perpassam o objeto de estudo deste trabalho se apresenta nesse primeiro momento, anterior à intervenção no campo, pois é a partir dele que a base será fortificada a fim de proporcionar uma escuta qualificada. Desse modo, o projeto está em seu início, se baseando no momento em apenas leituras, mais adiante será realizada a vinculação entre teoria e prática com a experiência a céu aberto.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

FORBES, Jorge. **Inconsciente e responsabilidade: Psicanálise no século XXI.** Barueri: Manole, 2012

FREUD, Sigmund. (1922) **Dois verbetes de enciclopédia: Verbetes de psicanálise.** Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas, V. XVIII. Rio de Janeiro: Imago, 1990

_____. (1911) **Sobre a Psicanálise.** Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas, V. XII. Rio de Janeiro: Imago, 1990

_____. (1913) **Interesse científico da psicanálise. Itens do D ao H.** Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas, V. XIII. Rio de Janeiro: Imago, 1990

_____. **A interpretação dos sonhos.** Rio de Janeiro: Imago Ed, 2001

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. B. **Vocabulário de psicanálise.** 4.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001

MBEMBE, Achille. **Necropolítica: Biopoder, soberania, estado de exceção e política de morte.** Revista Artes e Ensaios UFRJ: Ano 2016. Nº 32. Disponível: <https://revistas.ufrj.br/index.php/ae/article/download/8993/7169>. Acesso em: 10 de outubro de 2020

ROUDINESCO, E.; PLON, M. **Dicionário de Psicanálise.** Rio de Janeiro: Zahar, 1998

SAROLDI, Nina. **Mal estar na civilização: As obrigações do desejo na era da globalização.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015

SOUZA, M. L. R. **Banalização da violência: efeitos sobre o psiquismo.** Revista Percurso. Ano XIII. Nº25 pg.68/74. Disponível em: <http://revistapercurso.uol.com.br/index.php?mpg=01.00.00>. Acesso em: 25 de setembro de 2020